

Questão 04

Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquele breve bem, aquela glória,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não cantas a história
De teu passado bem e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondi com suspiros: Quando cresce
A muita saudade, o piedoso
Remédio é não cantar senão a morte.

(Luís de Camões, *20 sonetos*. Org. Sheila Hue. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p.113).

Considerando as características formais e o núcleo temático, é correto afirmar que o poema retoma o dito popular

- a) "longe dos olhos, perto do coração".
- b) "mais vale cantar mal que chorar bem".
- c) "a cada canto seu Espírito Santo".
- d) "quem canta seus males espanta".

ALTERNATIVA D

No soneto de Camões, o sujeito lírico, triste e distante de sua pátria, recorda-se do passado como um tempo feliz. Diante do rio Eufrates (Índia), ao lamentar a infelicidade do presente, o sujeito lírico é questionado por um interlocutor que o convida a reconhecer que o canto/a poesia vence o mal, ao fazer com que este seja esquecido (não sabes, que a quem canta se lhe esquece/ o mal). Dessa forma, o poema é uma ilustração do dito popular "quem canta seus males espanta" presente na alternativa D. Além disso, o enunciado da questão pede que se considere as características formais do poema que, neste caso, faz referência direta ao ditado, retomando a mesma estrutura "quem canta" e o termo "mal"/"males".

De outra perspectiva, nos versos do último terceto, o sujeito lírico responde ao interlocutor que, como a saudade é intensa, a única alternativa é cantar a morte. Assim, ele mostra a sua descrença no poder que a poesia/o canto apresenta de espantar o mal. Dessa forma, mostra-se importante salientar que o ditado presente na alternativa C - "a cada canto seu Espírito Santo" - também poderia ser reconhecido no soneto, ao sugerir que cada canto, de alegria ou de tristeza, tem a sua verdade e a sua razão de ser.